

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de filosofia**. São Paulo: Saraiva, 2013.

Alceu Cordeiro Fonseca Junior<sup>18</sup>

Luciana Vieira de Lima<sup>19</sup>

Gilberto Cotrim é bacharel e licenciado em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), mestre em educação e história da cultura pela Universidade Mackenzie; Possui experiência sobre as relações do livro didático e o ensino escolar brasileiro. Foi presidente da Associação Brasileira dos autores de livro educativo (ABRALE). É autor de vários livros de história e filosofia.

Mirna Fernandes é bacharel em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

*Fundamentos de Filosofia* é um livro didático destinado ao ensino médio, seu conteúdo está organizado em quatro unidades: Introdução ao filosofar; Nós e o mundo; A filosofia na história e Grandes áreas do filosofar, que se dividem em vinte e um capítulos.

O enfoque dado, segundo os autores, é temático seguido pelo viés histórico-cronológico, apresentando as principais ideias e fundamentos das grandes correntes filosóficas a proposta do livro é fornecer subsídios para o estudo da disciplina de Filosofia tendo como base uma linguagem clara e concisa, o que de certo modo, pode em um primeiro momento, contribuir na compreensão da leitura dos alunos do ensino médio.

O que se pode observar ainda, mesmo tendendo para a história da filosofia, salvo a primeira unidade que possui um caráter mais introdutório, existe no livro uma certa independência entre as unidades que possibilita um trabalho autônomo, pois ele está dividido em áreas, tendo o professor a incumbência de decidir por onde e como executar suas aulas.

Na apresentação do livro, os autores afirmam que ele é “enriquecido com textos dos grandes filósofos”, mas o que se encontra de fato são apenas pequenos fragmentos de textos, que aparecem apenas de forma representativa, deixando lacunas principalmente nas áreas de filosofia: antropológica, da linguagem, lógica, arte e indústria cultural; ficando a cargo do professor pensar em alternativas para suprir esta carência. Como exemplo chama-se a atenção para o capítulo de Estética que se apresenta com muitas deficiências, pois ao se reportarem ao filósofo alemão Alexander Baumgarten como aquele que conceitualizou o termo estética não se encontra nenhuma alusão ao seu texto, os autores informam, mas não problematizam.

Outro ponto que merece destaque se encontra no tópico; a política, no qual ao apresentarem a concepção de ditadura, o fazem de forma rápida e sucinta não fazendo distinção entre as diferentes formas de ditadura, pois, mencionam como exemplos a

<sup>18</sup>Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), professor da Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná, Curitiba, PR, Brasil, Pesquisador NESEF, e-mail: alceumsc@bol.com.br.

<sup>19</sup>Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), bolsista CAPES, Pesquisadora NESEF, Curitiba, PR – Brasil, e-mail: luna-lima@hotmail.com.

Alemanha Nazista, Cuba, Chile, Brasil e Espanha, disseminando um senso-comum, que impossibilita o conhecimento e o discernimento aos estudantes, pois colocam como se todas fossem a mesma coisa. Novamente, não se encontra nenhuma problematização. Os autores também não explicam a manipulação dos sujeitos dentro da sociedade para a efetivação de uma ditadura; deste modo, não há nenhum estímulo à denúncia e à razão crítica.

A preocupação dos autores parece estar mais centrada nos conteúdos do que nos filósofos, já que eles se apresentam em temas recortados de obras já comentadas, o que de certa forma se afasta da fonte e da originalidade do conteúdo filosófico.

Fica evidente que o tratamento dado ao livro é de caráter histórico, mesmo quando os autores sugerem algumas atividades (questões filosóficas, trabalho com conceitos, conversa filosófica, situação filosófica, conexões, análise e entendimento, de olho na universidade e sugestões de filmes). A impressão é de compensação, preenchendo lacunas pela falta de aspectos mais filosóficos, o que se segue é uma perspectiva histórica, com uma simulação filosófica nas entrelinhas. Como exemplo; a atividade denominada de análise e entendimento como é apresentada consiste apenas em questões que trazem o exercício de identificar, resumir e explicar, demonstrando que esta dinâmica não tende a despertar o pensamento paciente que é o estímulo à reflexão crítica; já, em conversa filosófica, os autores colocam pequenas citações de provérbios populares ou de filósofos propondo a interpretação na maioria das vezes, observações de semelhanças e diferenças, para, depois em grupo, discutir suas opiniões tendo sempre em vista o tema proposto. Acredita-se que não se trata apenas de interpretar, é preciso que o aluno aprenda a articular os conceitos e problemas filosóficos, mas para tanto, seria necessário a apreensão dos significados, ponto falho do livro; outra proposta é a sugestões de filmes que traz uma breve sinopse que tem a pretensão de ser filosófica, mas, que de certo modo, induz o estudante a determinada leitura de uma obra cinematográfica, não se sugere a leitura de uma peça, livro ou poema, restringindo-se ao clichê do filme. Nesta última proposta dos autores fica claro a falta de cuidado de pensar em outras possibilidades de aproximação da filosofia com outras áreas do conhecimento. Deste modo, pode-se constatar que o livro se organiza de maneira a oferecer, sobretudo a mesma dinâmica de atividades para os diferentes temas e capítulos, seguindo sempre a mesma metodologia.

Este livro deve ser visto como um suporte para as aulas de filosofia e não deve ser entendido como única orientação para tal, já que o livro em questão segue a vertente da interpretação, deixando para segundo plano os textos filosóficos ou parte deles, preocupando-se mais com uma possível aproximação com a realidade do aluno.

O livro acaba por se distanciar do objeto e da linguagem filosófica, que requer um pouco mais de esforço, concentração e reflexão, já que se espera que a disciplina possa contribuir para a própria formação intelectual do aluno, ou seja, que ele consiga com o auxílio da Filosofia desenvolver uma postura crítica e reflexiva. Deste modo, as aulas não devem se estabelecer no âmbito da leitura instrumental, aquela em que o aluno reproduz o nome do

filósofo e o relaciona com uma determinada obra. É necessário que ele consiga entender o que é um problema filosófico e que também seja capaz de perceber alguns desdobramentos de determinados conceitos. Para o desenvolvimento do pensamento crítico e emancipatório é necessário aprender a ler o que está escrito nas entrelinhas, e não no que é dado para o aluno sem nenhum esforço de pensamento. É necessário compreender a complexidade da reflexão filosófica, sobretudo para não confundir as aulas de filosofia com reflexão pessoal, fato que nos faz ressaltar a necessidade de dar mais enfoque ao texto filosófico ou parte dele.

Não que se defenda como única alternativa os textos filosóficos, mas se está lecionando filosofia, não se pode, de certo modo, abrir mão deles ou de parte significativa deles, pois se cada área do saber implica em ter sua especificidade, a da filosofia é a da produção e exposição do pensamento que se manifesta essencialmente por meio dos textos, sendo possível somente por meio deles ver e entender as possíveis contradições e simbolismos. Por outro lado, é importante sublinhar que os estudantes são do ensino médio e não universitários, é preciso ficar atento para não cair na exegese de texto, mas é necessário um aprofundamento, e é neste ponto que o livro deixa muito a desejar, pois é essencial que o aluno tenha este contato mais direto com a Filosofia; para tanto, o professor deve assumir uma postura de mediador viabilizando e estimulando diferentes leituras, ou seja, ele necessita buscar uma educação para emancipação e para a autonomia do sujeito; não oferecer apenas comentários da história da filosofia, a disciplina deve ser entendida como um conjunto de conhecimentos específicos e com características próprias.

Quanto ao manual do professor, coube aos autores defender o argumento de que existe a liberdade por parte do professor por onde começar a conduzir as aulas. Assim, o manual é dividido em de cinco questões norteadoras; A Filosofia na Nova Educação, O Problema de Ensinar Filosofia, Nossa Proposta, Uso do Livro, Orientações Gerais e Orientações Específicas. Estas questões ressaltam a importância da aprendizagem significativa, conceito que permanece nos debates pedagógicos. Mas sob que ponto de vista filosófico quando uma aprendizagem é significativa? Devido às grandes limitações filosóficas dos autores sobre o ensino da Filosofia, estes procuram na Filosofia da Educação justificar uma aprendizagem significativa despejando conceitos aleatórios e desconexos com a realidade do cotidiano e do professor em sala de aula, como por exemplo, os conceitos de interdisciplinaridade, contextualização, transmissão, assimilação, sensibilização, atitude filosófica, método, competências e habilidades e o pensar filosófico que, talvez, dialeticamente poderiam servir a qualquer Filosofia, mas, contudo, não levariam o sujeito, no caso os alunos, ao problema central desta Filosofia, geralmente oferecendo a eles, uma experiência fraca e sem perspectiva de mudança de sua condição humana frente à complexa realidade.

*Fundamentos de Filosofia* quer oferecer um instrumental sem muita cientificidade do ponto de vista filosófico. Muitos conceitos necessitam ser apresentados com mais critério para poderem suscitar uma reflexão crítica que caminhe no sentido de construir um sujeito ético, responsável, criativo e acima de tudo reflexivo.

## REFERENCIA

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de filosofia**. São Paulo: Saraiva, 2013.